

MARÉ VIVA

Director : VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 62 — Preço 3\$50 — 15/9/77



Festas da N.ª S.ª da Ajuda TRADIÇÃO ou RENOVAÇÃO ?

Setembro, mês de festa de N.ª S.ª da Ajuda. Todos os anos, quando o Verão vai morrendo, Espinho tem, durante breves dias, o ar diferente e o redobrado movimento trazidos pela realização das tradicionais festividades religiosas e profanas.

Este ano, com o aliciante, para alguns, de serem «à antiga»: localização na zona baixa da cidade, sobretudo em volta da capela e na rua 8, ornamentação em várias ruas — 19, 23, 8 e av. 8 — e, claro, muito fogo de artifício. Tudo isto, conforme nos disse o sr. Gomes Freitas, tesoureiro da Irmandade de N.ª S.ª da Ajuda, entidade responsável pela organização dos festejos, também porque «a festa do ano passado foi tão vergonhosa que nós tivemos que voltar a ser organizadores

para lhe restituir o seu antigo brilho. Para que vejam aqueles cujo interesse no fundo era acabar com a festa, ao mudarem-na indevidamente de sítio e retirarem-lhe a sua dimensão».

Do programa consta o habitual, a tradição. Além da festa religiosa, onde avulta a procissão «com dez andores, tendo o de Nossa Senhora custado algumas dezenas de contos, já há alguns anos», teremos a parte profana, com concertos por bandas de música e fogo de artifício. Nas ornamentações, fogo e pagamento das bandas gastar-se-á o melhor de 300 contos, 150 contos oferecidos pela Comissão de Turismo e os restantes provenientes de peditório. «Quanto ao peditório não há razão de queixa, o público tem-nos atendido de maneira

muito simpática». Se se justifica que se gaste tanto dinheiro? «Eu por mim acho que não, mas se assim não fizessemos as pessoas iriam criticar-nos». A Irmandade forçada, contra vontade, a estas despesas, para se submeter à opinião da população? Pois bem parece.

Será nos dias 17, 18 e 19 deste mês. Anuncia-se em cartazes onde se lê, entre outras coisas; «6 Bandas de Música 6 — Fogo Preso e Aquático.

FAZER FESTA
PARTICIPAR NELA

Mas, como encaram os espinhenses estas festas? Provavelmente, haverá os que esperam esses dias com interesse, vindo

continua na página 6

DE SEMANA A SEMANA

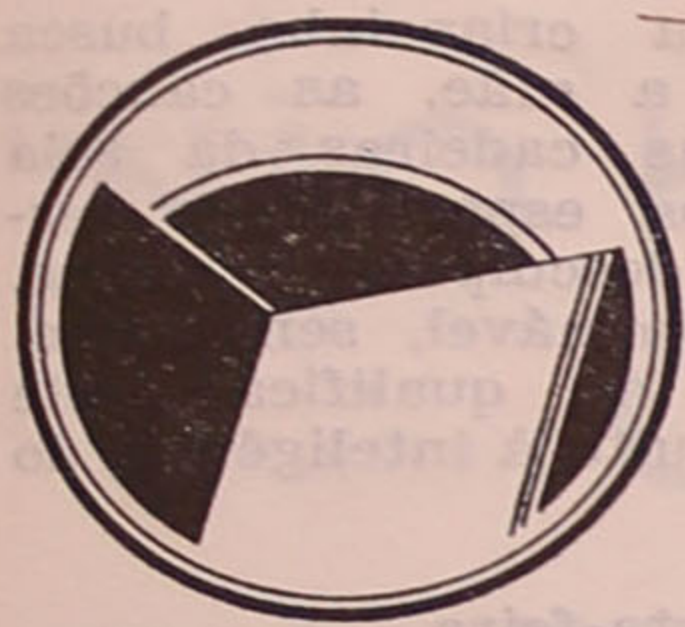
BRASIL, FIM DA DITADURA

O Brasil tem vindo a suportar, desde 1964, uma das mais violentas ditaduras da História do Continente Americano.

De há muito que os jornais trazem notícias dos mais hediondos crimes, umas vezes praticados pelas próprias instituições policiais, outras por organizações de malfetores, entre cujos elementos se encontram agentes ou ex-agentes das autoridades e que actuam na certeza de que ficarão impunes.

O Diário de Lisboa de 6 do corrente traz-nos a notícia de mais dois crimes praticados pela polícia do Brasil. Um, é o caso de um operário da construção civil que «está hospitalizado em Belo Horizonte com a coluna vertebral partida e os órgãos genitais inutilizados pelas torturas que sofreu na Polícia». O outro, descoberto quando se procedia a averiguações sobre o primeiro, é o de dois presos cujo desespero os levou a enviarem ao juiz um pedido de Habeas Corpus «escrito com sangue no papel de um maço de cigarros». O juiz determinou a sua imediata apresentação; mas as autori-

continua na página 6



NASCENTE-CINECLUBE

HOJE - 5.ª feira - às 21,30 - na PISCINA

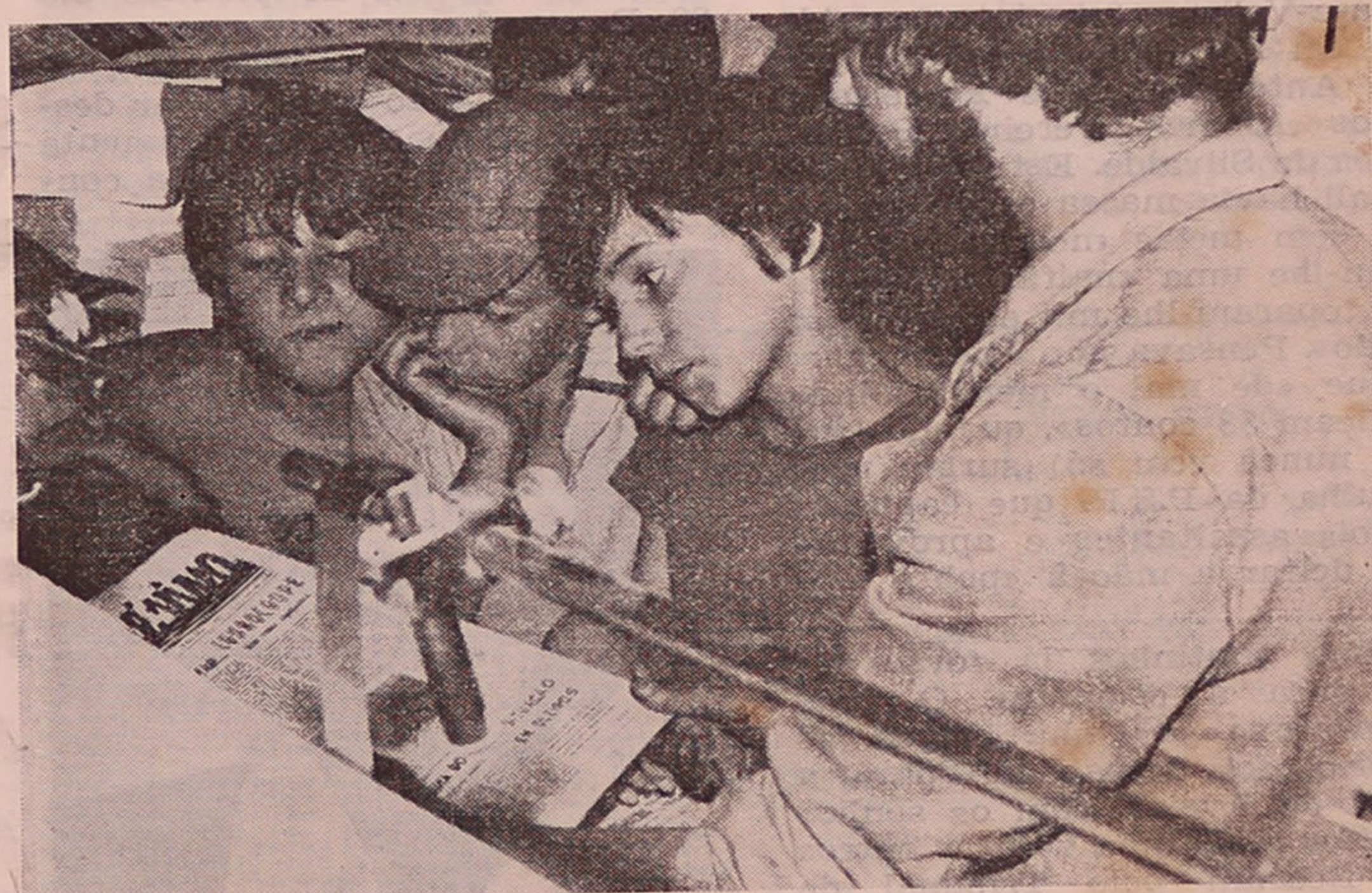
« O QUINTETO ERA DE CORDAS »

OS MIÚDOS E O «MARÉ VIVA»

«Eu lá na Régua nunca tinha visto fazer um jornal», dizia o Zé, olhando admirado a máquina maravilhosa que imprimia a grande velocidade as páginas do «Maré Viva».

E explicava o impressor sr. Fernando Gomes, amigavelmente: «As folhas prendem-se aqui em cima na máquina e depois estas chapas onde estão as letras imprimem o texto». A monitora bem aconselhava os miúdos a juntarem-se todos, para ouvirem as explicações, mas eles separaram-se pelas várias máquinas, interpelando directamente os trabalhadores que, sem qualquer enfado, os atenderam da melhor maneira.

De regresso a Trás-os-Montes, todos levarão a recordação alegre daquele bocado de tarde a ver sair o «Maré Viva» na Cooperativa Gráfica de Espinho, única tipografia que nesta cidade imprime um jornal.



REPORTAGEM NA PÁGINA 5

MOTORA ENCALHADA

Com três tripulantes a bordo e já com algum pescado, a motora «Graça Divina», de Matosinhos, encalhou na madrugada do dia 1 na praia em frente à Carreira de Tiro. O nevoeiro e a falta de bateria no radar foram as causas do sucedido segundo nos declarou o mestre da embarcação, sr. Vitor Bastos.

Fomos encontrar a motora já a salvo, a algumas dezenas de metros do mar:

«Foi a tropa que nos valeu e temos muito que lhes agradecer. Vieram com três tractores e tiraram-nos de lá de baixo. Se não fossem eles e os pescadores e outros civis que vieram ajudar, a esta hora já não tínhamos barco, pois o mar dava cabo dele. Mesmo assim tivemos prejuizos. O barco precisa de ser calafetado e há ainda o tempo que estamos parados e em que nós e o patrão deixamos de ganhar».

A «Graça Divina» é propriedade de um particular e só sai para a pesca quando as trai-

neiras não levam todos os pescadores. São os que ficam, que trabalham na motora.

«O peixe que trazíamos demorou às pessoas que vieram ajudar. Quem não ajudou nada foi um jornalista do «Jornal de Notícias» que, sem falar connosco, foi para lá dizer que um dos tripulantes tinha fugido. Ele não fugiu; fui eu que o mandei embora, porque ele ficou muito abalado e não ficava cá a fazer nada».

Devolver o barco ao mar não parece tarefa fácil.

«Depois de estar calafetado, a tropa vem abrir um canal. A Capitania do Porto de Leixões já prometeu mandar, de graça, um navio e um salva-vidas para nos puxar. Mas isso só lá para o meio da próxima semana. E vamos lá ver se não há azar».

Pelo que nos disse o sr. Bastos é provável que neste momento o barco já tenha sido removido. Mas não deixa de ser possível que ainda lá continue.



Um azar nunca vem só

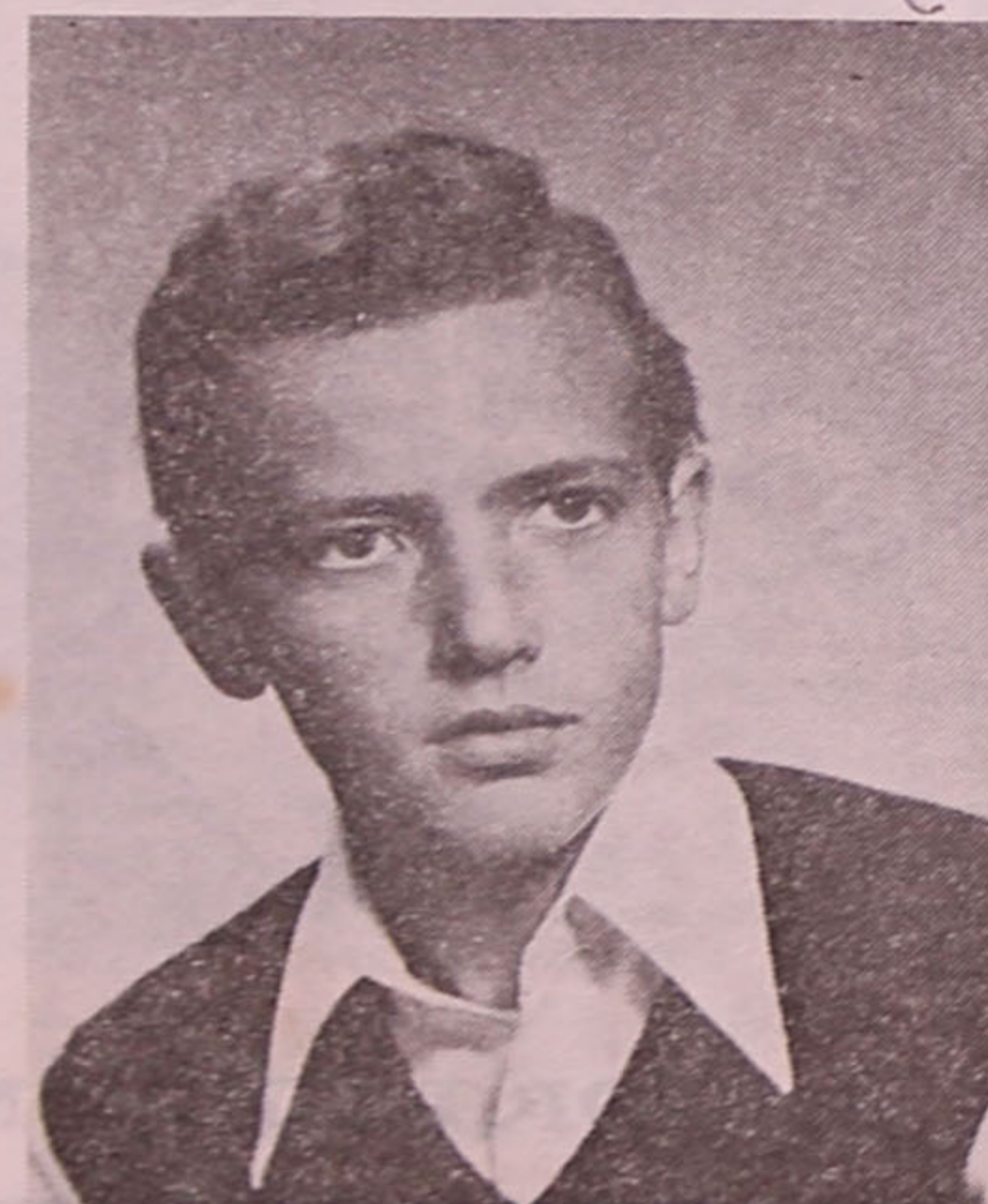
O último dia 29 não foi positivamente um dia de sorte para o João Augusto dos Santos. Quando já fazia belos projectos para o investimento dos quarenta contos que tinha furtado em Albergaria-a-Velha, foi interrompido aqui em Espinho, na rua 21, por José António Guedes Ferreira e Carlos Alberto Pereira Bastos, ambos de Silvalde. Estes sentiram que ali havia massa e não estiveram com meias medidas: encostaram-lhe uma «naífa» ao pescoço e toparam-lhe mil e oitocentos escudos. Pensava já o João Augusto que «de mal o menos, ainda me ficam 38 contos», quando (um azar nunca vem só) surgiu uma patrulha da P.S.P. que capturou os dois assaltantes e aproveitou para deitar a mão à «pobre vítima».

Assim juntinhos lá foram os três para a esquadra. O João Santos, que já tinha culpas no cartório, foi despachado para a cadeia de Aveiro, com os sonhos desfeitos mais uma vez. Os outros dois ficaram pelo Tribunal de Espinho, que não deixará de arranjar maneira de lhes ensinar a não se meterem com cidadãos indefesos.

Rasteira no Posto Médico

A Maria José da Rocha, da Tabuaça, Anta e mais conhecida por «Zeza Rasteira», é de ideias fixas. Apostou que havia de «trabalhar» no Posto Médico e, volta e meia, lá aparece a «fazer pela vida». Assim foi no passado dia 29. Puxou dum ar mais ou menos combatido e misturou-se com os doentes do posto para passar despercebida. Mais despercebidamente ainda, subtraíu quase trinta con-

tos a uma emigrante e saiu pela porta fora com um ar de «vou ali e volto já». E ia mesmo, sem ideias de voltar muito cedo, se não fosse a P. S. P. de Espinho ter sido alertada e já conhecer a Zeza de ginjeira. Do posto, foi só dar um salto de carro à Tabuaça e apanhá-la sem sequer lhe dar tempo de contar o «ordenado». Dali para a esquadra de Espinho foi só fazer inversão de marcha.



Faleceu no passado dia 26 de Agosto de 1977, com a idade de 13 anos, JOSÉ AZEVEDO MONTEIRO DANIEL, filho de José Monteiro Daniel, funcionário dos CTT de Espinho e de Leonor Moreira de Azevedo.

Vêm por este único meio agradecer a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, assim como às que assistiram à missa do 7.º dia.

Paz pelo seu eterno descanso.



S. PEDRO

Dia 15, Quinta-feira

«Hércules, O Libertador de Siracusa»

M/ 13 anos

Não serão precisas muitas reflexões para se concluir que um filme deste tipo enferma de muitos vícios, caindo em sucessivos erros. Mas as intenções não serão de certa forma perigosas e uma certa nostalgia, um recordar de outros anos em que os gostos e as idades eram diferentes, impedem-nos de condenar, à partida, esta obra que reconhecemos medíocre, mas que não fere, não insulta.

Dia 16, Sexta-feira

«A Guerra Acabou»

M/ 13 anos

Uma obra importante de Alain Resnais sobre a resistência ao franquismo, finda a guerra civil de Espanha, fora do país, ao longo dos anos, sofrendo as vicissitudes da clandestinidade, procurando o protagonista rever as suas posições, emendar a cada passo a sua forma de actuar, controlar as suas emoções. Uma obra didáctica a não perder! Boa interpretação de Yves Montand!

Dia 17, Sábado

«Duelo no Missouri»

M/ 18 anos

Ainda há pouco tempo tivemos a oportunidade de assistir a esta película de Arthur Penn, servida pelas grandes interpretações de Marlon Brando e Jack Nicholson. Uma bem conseguida desmistifica-

ção do «western», dos códigos que regem este tipo de filmes, denunciando, levantando questões. Se não viu, não perca a oportunidade!

Dia 18, Domingo

«Na Cave é que é Bom»

M/ 13 anos

Se estiver fresco pode ser, mas não haverá sítios mais agradáveis que uma cave? Cave mas é você, porque coisas destas não merecem a pena.

Dia 19, Segunda-feira

«5 Demónios do Kung-Fu»

M/ 18 anos

Terminando em «fu» ou em outro «u» qualquer, só pode sair porcaria. Ignore!

Dia 20, Terça-feira

«Noite de Silêncio, Noite de Sangue»

M/ 18 anos

Terrível meu caro, profundamente tenebroso, mas para que quer você dar cabo do seu sistema nervoso, se até é uma pessoa sensível, amante de bom cinema que não vai em qualquer cantiga?

Dia 21, Quarta-feira

«Por Favor, não me Mordam o Pescoço»

M/ 13 anos

Um humor negro quase perfeito, o satírico e o terror bem doseados, constituindo uma crítica aos filmes do género, a próprios aspectos da sociedade. A obra fundamental de Roman Polanski a rever urgentemente!

CASINO

Dias 15, 16, 17, 18 e 19

5.ª, 6.ª, Sábado, Domingo e 2.ª «Sofrimento de Amor»

M/ 13 anos

A ingénua criancinha busca avidamente a mãe, as canções guincham, as cadeiras da sala guincham, os espectadores vertem águas, desculpem, lágrimas. Tocante, abominável, sem adjetivos para se qualificar este autêntico insulto à inteligência do espectador.

Dia 21, Quarta-feira

«O Justiceiro do Meio Dia»

M/ 13 anos

As habituais «charges» aos títulos de maior êxito comercial do cinema onde é raro encontrar-se um pedaço de humor. Franca-mente medíocre!



farmácias

QUINTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

SEXTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

SÁBADO - Grande Farmácia
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092

DOMINGO - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

SEGUNDA - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

TERÇA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

QUARTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

PADRES MUITO INCÓMODOS

1. No fundo, a situação é até bastante clara. Senão, vejamos.

Um trabalhador consciente e empenhado, activo na sua empresa ou no seu sindicato, corre hoje em dia sério risco de ser processado, acusado, despedido. A quantos delegados sindicais isto já aconteceu...

Uma pessoa qualquer que milita activamente em partidos de esquerda é cada vez mais alvo de ataques, calúnias e perseguições. A hora é da direita...

Um morador que se preocupe com os problemas da sua zona e dos seus vizinhos, tentando que as pessoas menos conscientes também abram os olhos, é acusado pelo menos de comunista e fica, desde logo, marcado.

Uma mulher que se negue a ser apenas a serviçal escrava do lar, quase animal doméstico de que o marido é proprietário e capataz, e queira acompanhar os homens lado a lado na luta que é comum, também ouve das boas e das bonitas e deixa de ser «mulher honrada».

Ora se isto está cada vez mais assim, haverá razão para nós admirarmos com o que certos senhores fazem aos padres sinceramente empenhados na libertação inteira do povo a quem servem? Até porque esses senhores que procuram neutralizar a acção desses padres são os mesmos que querem neutralizar o sindicato, que não permitem uma comissão de trabalhadores, que atacam as cooperativas, que dão dois berros para porem os seus operários a obedecerem servilmente, que ne-

gam aumentos mas têm dinheiro de sobra para financiar panfletos anónimos e baixos, para pagar certos «serviços» ou conceder certos «prémios». Os senhores são os mesmos porque o objectivo é o mesmo: liquidar quem fale em libertação, em tomada de consciência, em coragem, seja homem ou mulher, padre ou operário, empregado ou estudante.

2. Como há tempos dizia o Bispo do Porto, Cristo não foi um político, não falou política não teve uma actividade política e, entretanto, foi morto por ser considerado político. Foi



No dia do assalto à residência paroquial, membros da Junta de Freguesia conferenciam com o comandante da G. N. R. Este assumiu toda a responsabilidade da actuação de compadrio das suas forças pelo que foi afastado do seu cargo.

S. PAIO DE OLEIROS

assassinado por razões políticas: a doutrina que pregava para os pobres, a mensagem de liberdade que repartia, fazia perigar o poleiro dos governantes, dos grandes senhores, dos nobres, da ordem estabelecida. O poder autocrático sentia-se mal, porque desmascarado na sua hipocrisia, na sua corrupção, na sua dominação abusiva pelo dinheiro e pela força. Ameaçado, matou.

Sempre que aparece um padre que assume, com todas as suas consequências, a tarefa de libertação radicada no próprio Cristo (aquele que disse «Ama o teu próximo» e «Perdoa setenta vezes

SILVALDE

LIXO:

PROBLEMA

CADA VEZ

MAIS GRAVE

Em Silvalde, como nas outras freguesias do concelho, o problema do lixo não fica resolvido com a boa vontade das pessoas em colaborar com os Serviços, como pode acontecer na cidade. Nas freguesias é diferente, porque não há recolha de lixo. Em Silvalde a questão é ainda mais grave do que isso, porque é nesta freguesia, mais precisamente no lugar do Souto, que são depositados os excedentes do lixo da cidade que a empresa Fertor de Ermesinde (que o recebe e trata) já não consegue absorver.

Pois é precisamente neste facto que parece assentar uma hipótese de solução. Em contacto com o sr. Adão Loureiro, presidente da Junta, este sugeriu que fosse aproveitada a passagem dos carros que trazem os excedentes para o Souto, três vezes por semana, e se alargasse o seu trajecto para a recolha de lixo em algumas zonas da freguesia. Não dispondo a Câmara de verba para custear maiores despesas com pessoal e viaturas, continua de pé a hipótese de aquisição dum carro de lixo destinado ao serviço de recolha nas quatro freguesias, não se descurando a possível instalação de mais contentores (que na freguesia só existem no Bairro Piscatório).

A Junta de Freguesia, que só dispõe de dois empregados, não tem meios para resolver o problema da acumulação de lixo, que se compreenderá melhor se se souber que cerca de 90% da actividade industrial do concelho está localizada em Silvalde. A higiene pública e a própria comodidade das pessoas estão por isso cada vez mais em perigo e daí que a Junta de Silvalde continue a diligenciar junto da Câmara por uma solução satisfatória. O que a não ser breve, poderá conduzir a situações imprevisíveis.

Entretanto, da conversa que tivemos com o sr. Loureiro pudemos saber de outros problemas de Silvalde que oportunamente abordaremos.

"NÃO HÁ NINGUÉM QUE NOS OUÇA"

As senhoras Maria Regal Cardoso, Francelina Charra de Oliveira e Margarida Pereira da Silva, comerciantes de ferragens e louças de ferro na feira de Espinho, têm uma história para contar. Essa história, que vieram trazer-nos à redacção «para o senhor ver se põe no jornal» é-nos contada com as palavras simples mas profundamente vividas de quem sente estar a ser vítima de uma flagrante injustiça.

— Os da Câmara querem que a gente mude de lugar na feira e vá vender para o meio dos comerciantes de panos. Ora ferragens e panelas não condiz nada com os panos e a gente, que há tanto ano está naquele lugar, não entende porque é que há-de mudar — começou por nos dizer a sr.^a Maria Regal.

E atalhou a sr.^a Francelina, na ânsia de explicar melhor a situação que estão a viver:

continua na página 7

RIFAS DA NASCENTE

Extracção de 8-9-77

769	1.000\$00	Manuel Correia da Silva
069	100\$00	Fernando Gomes da Silva
169	100\$00	Américo Ferreira de Sousa
269	100\$00	Alvaro Matos
369	100\$00	José da Silva Alves Pereira
469	100\$00	Hermínio de Almeida Martins
569	100\$00	António Ferreira Gaio
669	100\$00	Gilberto Marques Sá
869	100\$00	Maria Adelaide Rodrigues Silva
969	100\$00	Maria Elisa Troufa

MARB VIVA

SEMANARIO

Propriedade :
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :
Albertino Pinheiro, Augusto Mota, Ana Maria, António Letra, António Santos, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração Especial :
Alberto Barbosa.

Composição e impressão :
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director :
VICTOR SOUSA

Redacção :
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

FIAT 127

Vende-se, em bom estado. Ano 1973, 3 p., 60.000 km. Resposta a este jornal ao n.º 22.

TRABALHO

TAPETEIROS E CORDOEIROS CONTRA PORTARIA

«Trata-se de uma escandalosa cedência do Governo às manobras do patronato», assim começou a conversa que travamos com um Dirigente do Sindicato dos Tapeiteiros e Cordoeiros do Centro, sito em Cortegaça, a propósito da PRT saída do Ministério do Trabalho e destinada aos trabalhadores do sector têxtil.

Deu-nos conta o citado dirigente, do facto desta portaria consagrar condições de trabalho, particularmente de remuneração, que em muitos casos são claramente inferiores às condições existentes nos contratos colectivos até agora em vigor. «E, sem dúvida a pior regulamentação de trabalho saída depois do 25 de Abril e que prova bem, como o Governo está interessado em proteger o patronato sabotador, à custa dos direitos dos trabalhadores» prosseguiu o nosso interlocutor que, concretizando nos referiu que a grande maioria dos trabalhadores terão acréscimos de vencimento simbólicos, na ordem dos 200\$00, 300\$00 e que as tabelas agora fixadas são para algumas categorias bastante inferiores às anteriores, concretamente à categoria de cortador de alcatifa é-lhe fixada uma tabela inferior em 900\$00.

Referiu-nos ainda, que esta por-

taria era também, uma manobra claramente divisionista, pois, retirando regalias aos que mais duramente trabalham, fixou para categorias já anteriormente mais bem remuneradas aumentos da ordem dos 2.000\$00, 2.500\$00, caso por exemplo de encarregados, trabalhadores de escritório, etc.

Concluindo acrescentou «enquanto a Comissão Sindical foi negociando, apesar das muitas manobras do patronato, foi possível conseguir alguns acordos. A

intromissão abusiva e prepotente do Ministério do Trabalho contrariando os preceitos constitucionais, como a liberdade contratual deu origem a esta portaria, que não só não respeitou em muitos casos os acordos a que se chegou em negociações, como retirou regalias há muito existentes em Contratos Colectivos deste sector».

Aliás, a posição dos trabalhadores fica claramente expressa no telegrama a seguir transcrito.

TEXTO DO TELEGRAMA ENVIADO AO 1.º MINISTRO

Sindicato Tapeteiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro, analisando Portaria indústria têxtil e todo seu contexto repudia mesma ser lesiva interesses trabalhadores do sector, tirando regalias já alcançadas, baixando salários em vigor atendendo Governo continua indemnizações milhões de contos aos sabotadores economia nacional à custa suor trabalhadores, fazendo estes pagar crise provocada pelo patronato reaccionário.

Repudia também ingerência Ministério Trabalho, violando liberdade contratual consagrada Constituição exigindo demissão imediata ministro Trabalho e seus colaboradores.

AUSTERIDADE + PACOTE 2 = DESEMPREGO

Os trabalhadores do nosso país, que sempre levaram uma vida austera, ouviam a palavra austeridade com a convicção de que era necessária, mas com a esperança de que ela se abatesse sobretudo sobre as camadas sociais esbanjadoras do património nacional e viesse a determinar, a curto prazo, uma melhor repartição do rendimento nacional.

Mas a pouco e pouco esta palavra começou a ganhar outro significado: austeridade passou a significar sacrifícios para os trabalhadores e recuperação de privilégios pelas camadas mais «bem colocadas» na sociedade portuguesa.

Foi, pois, com apreensão que os trabalhadores aguardaram a divulgação das medidas inscritas no chamado «Pacote 2». E tinham fortes razões para estarem apreensivos. O «Pacote» não trouxe uma saída para a crise económica, fez diminuir ainda mais o poder de compra dos que vivem do seu trabalho e, muito particularmente, apontou com clareza para o aumento do desemprego, criando condições para que os despedimentos sejam cada vez mais fáceis. O patronato passa, para isso, a contar com os Dec.-Lei 353-H/77 e 353-I/77.

O primeiro abre o caminho, permitindo que o Conselho de Ministros declare as empresas em crise. O segundo completa o primeiro, dizendo que se uma empresa for declarada em crise, poderão ser reduzidas as condições de prestação de trabalho aos mínimos contratuais, é admitida a não aplicação total dos próprios contratos e, além disso, é autorizado o despedimento dos trabalhadores não indispensáveis, sem direito a indemnização, que ficarão a ganhar os quantitativos previstos na Lei como subsídio de desemprego (60% do salário mínimo nacional, ou seja, cerca de 2.700\$00). Estas medidas são não só aplicáveis às empresas públicas ou intervencionadas, mas também às do sector privado.

Com estes decretos são, pois, abertas perspectivas negras de se ver consideravelmente aumentado o número de trabalhadores a receberem o parco subsídio de desemprego. Assim sobrecarregado, ao Fundo de Desemprego restam duas soluções: ou lhe sucede o mesmo que à Previdência por falta de fundos ou se reforçam esses fundos, à custa de mais um desconto nos salários — o aumento do imposto para o Fundo de Desemprego!

A PROVA REAL:

Reestruturar

= Despedir

O sr. Secretário de Estado da Comunicação Social fez questão de ser o primeiro a experimentar a eficiência do par de decretos 353/77 concebidos pelo seu colega sr. ministro do Trabalho. Se não fosse arriscarmo-nos a ser acusados de não gostarmos do sr. Secretário, diríamos mesmo que este membro do Governo esteve à espera da publicação daquele par de decretos para fazer sair a «reestruturação» da Imprensa, que estava há uns meses à espera na gaveta.

Com o sector da Imprensa declarado em crise pelo Governo, os resultados da aplicação dos decretos não se fizeram esperar: o despedimento colectivo de cerca de dois mil trabalhadores e o encerramento definitivo de jornais tão antigos e prestigiados como o «Século» e o «Jornal do Comércio».

Almeida Santos ADVOGADO

Escritórios:
Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923314
ESPINHO (Junto ao Café Parque)
Horário — às 2.ª — Todo o dia,
4.ª e 6.ª — de manhã

VILA DA FEIRA Telef. 96251
(Junto às Escadas do Convento)

Manuel Lima Bastos ADVOGADO

Escritórios:
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência:
Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904
ESPINHO

O «MARÉ VIVA» É FEITO PARA TI: DIVULGA-O

NA ESCOLA INDUSTRIAL

107 crianças numas férias diferentes

A expensas do Instituto de Acção Social Escolar (I.A.S.E.), funcionam na Escola Industrial e Comercial de Espinho duas colónias de férias, totalizando 107 crianças. Quando a Nascente foi solicitada para ali passar uma sessão de cinema, também lá fomos. As condições da sala não eram as melhores, mas a miudagem não despegou os olhos do «Charlot» e pediu mais quando a fita acabou.

«Já estão habituados a ver a TV, mas o cinema para eles ainda é novidade», disse-nos a responsável pelas colónias, Adilla Cabral. Foi o princípio duma breve conversa sobre os objectivos e o modo como funcionam estes centros de férias.

Soubemos que desde há quatro anos, o I.A.S.E., departamento dependente do M.E.I.C., subsidia estas colónias de férias e aproveita instalações escolares, como é o caso, para o alojamento das crianças. Estas são orientadas por monitores e instrutoras, umas especializadas (psicologia, educação física, artes plásticas) e outras que tiram um curso intensivo orientado para o efeito.

«São crianças com idades entre os 8 e os 12 anos, que vão agora entrar no Ciclo Preparatório e portanto num novo meio, ou que, pela sua idade, já encontram mais dificuldades no ingresso nas escolas primárias. As crianças são escolhidas em função destes dados por delegadas do I.A.S.E. junto de cada zona escolar. Procura-se sempre que as crianças do interior

sejam deslocadas para o litoral e vice-versa».

«Os jogos, as actividades artísticas, as visitas de estudo, as brincadeiras na praia ou na piscina são alguns dos meios de abrir as crianças para a vida e de lhes fazer despertar a sua capacidade de expressão em todos estes tipos de actividade. Simultaneamente, estimula-se a vivência e o trabalho em grupo».

O I.A.S.E. patrocina o funcionamento de quase cinquenta colónias em todo o País, o que é insuficiente para cobrir uma parte significativa da população escolar, mesmo que cada colónia funcione em regra por dois turnos. Este é o segundo turno e decorre de 24 de Agosto a 12 de Setembro.

«As crianças são quase todas de Trás-os-Montes e muitas ainda não tinham visto o mar. A vida litoral é para elas uma novidade, muito diferente da vida do interior onde as coisas sucedem menos rapidamente e são por elas mais facilmente compreendidas».

Falámos com algumas crianças que acabaram por nos rodear, dizendo o que achavam das suas férias, com risos e brincadeiras à mistura. A Ana Maria tem 10 anos, é de Sabrosa e só tinha ido uma vez a Vila Real:

«Nós aqui brincamos, andamos sempre de trás para a frente. Aqui não nos batem e por isso ando contente. Também cantamos, fazemos colagens, fantoches... Ainda não sei nadar, mas gosto muito de ir à praia e à piscina».

GAZETILHA

Gazetilha ao Postigo

Postigo de convívio com Vocês
É este que eu agora estou a abrir;
Que iremos nós dizer, mais uma vez,
Que não estejamos já fartos de ouvir?!

— Coisas cedigas, lentejoulas falsas,
Vergõntas a criar outros renovos...
Será de pô-las a esperar, descalças,
Como um cego que espere uns olhos novos?!

Na alternativa, a atirar-lhes com versos
Lançados a voar pela amplidão...
Mas nem pelos caminhos mais diversos
Quem vai chegar ao fim da imensidão?!

Que faremos então? Ou não há nada
A fazer por ninguém? — Coisa nefanda!
Parece que isto realmente não anda:

A coisa está parada,
Está como o Miranda,
Não anda nem desanda!

E eu digo cá comigo:
Talvez isto já seja suficiente!
Vou fechar o meu postigo
Subrepticamente!

Alberto Barbosa (BEKA)



FABRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L. da

Caixas de Cartão Canelado
Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

NASCENTE

CENTRO LIVREIRO

O Centro Livreiro da NASCENTE está a dar os seus primeiros passos na difusão de obras consideradas de interesse, nas mais diversas matérias, oferecendo descontos muito compensadores aos sócios da Cooperativa. Numa altura em que os bons livros não abundam pelas montras das livrarias e em que o nível de vida se deteriora assustadoramente, são coisas a ter em conta...

A partir de agora, uma iniciativa: O LIVRO DA QUINZENA: Um livro previamente escolhido estará em promoção durante 15 dias, podendo ser adquirido a preço ainda mais baixo que o habitual.

De 15 a 30 de Setembro, o livro será:

VOZ DE PRISÃO, de Manuel Ferreira (Ed. Inova)

Manuel Ferreira é um escritor português já razoavelmente conhecido, sendo «Hora di Bai» a sua principal obra. Pode dizer-se que Cabo Verde é a segunda pátria do autor, de tal modo este país africano está presente em quase todos os seus trabalhos. Tal se pode notar também em VOZ DE PRISÃO, mesmo ao nível da linguagem, que mistura agradavelmente o português com o expressivo crioulo cabo-verdiano. Até por isso, pelo ar algo estranho e exótico que o livro assim ganha, se aconselha a sua leitura.

Preço de capa — 80\$00

PREÇO NA QUINZENA — 64\$00

Nota: Lembramos que o Centro Livreiro, a funcionar na sede da NASCENTE (Rua 62 n.º 251), está aberto todos os dias úteis das 19 às 20 e das 21,30 às 23 horas.

CENTRO DE ESTUDOS

Animados com os resultados obtidos no ano escolar findo, cuja análise circunstanciada será feita num dos próximos números deste jornal, e contando já com o apoio incondicional de vários professores, vai a NASCENTE abalançar-se a pôr novamente em funcionamento, no próximo ano lectivo, o seu CENTRO DE ESTUDOS.

É, portanto, para si que trabalha, que precisa e quer valorizar-se pessoal e profissionalmente que os nossos cursos vão funcionar.

Inscriva-se, pois, urgentemente. Quanto mais cedo o fizer, mais nos facilitará o nosso trabalho.

As inscrições estarão abertas para o ciclo preparatório, 2.º e 3.º ciclos, a partir de 15 do corrente, na sede da Cooperativa, todos os dias úteis, das 19 às 20 horas.

De Semana a Semana

continuação da página 1

dades prisionais, em vez de cumprirem o despacho do juiz, informaram-no de que tais presos «havia desaparecido». Crê-se que foram simplesmente assassinados na prisão.

Neste maravilhoso país da América Latina, onde hoje as botas dos generais fascistas pisam o povo, crimes como estes sucedem-se todos os dias. Para calar a revolta. Para esconder a miséria, a fome e o desemprego que cada dia são maiores. Aqui, a lei continua a ser ditada pelas pistolas dos coroneis e pelas forças de repressão de que dispõem os donos das fazendas e das multinacionais.

Neste maravilhoso país de Gabrielas, onde a corrupção se generalizou, nomeadamente entre os elementos dos órgãos do poder, os excessos da ditadura chegaram a tais extremos que já é a própria direita que reclama o regresso ao «estado de direito», o voto popular, o regresso dos militares aos quartéis e a devolução do poder aos civis.

Demagógica embora, a afirmação feita por uns quantos coroneis de que «A Nação não admite donos, a não ser o próprio povo», ela serve para demonstrar pelo menos, ou também, que o cruel e corrupto regime vigente, cada dia que passa, tem menos quem se disponha a sustentá-lo.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

A MODELAR

OPTICA — RELOJOARIA — OUIVESARIA — OFICINAS

Rua 16 — Mercado Municipal

ESPINHO

RESTAURANTE - BAR DA PISCINA

ALMOÇOS — JANTARES
SERVIÇOS A LISTA

Especialidade em frango à Lokinhas

Preços especiais para Banquetes com todas as garantias

Dirigido por ARMINDO AZEVEDO

Aberto todo o Inverno

TELEF. 920153 — ESPINHO

Não era mais um...

MERCADO NOVO DIA

Domingos António & Nuno, L.ª * Rua 18 n.º 1067 - Tel. 922739

Procurando servir cada vez melhor os consumidores da zona sul da cidade de Espinho inauguramos a secção de

TALHO

Festas da N.ª S.ª da Ajuda

continuação da página 1

na S.ª da Ajuda a tradição, o tempo antigo em que era bom viver e se desgostam por ver que hoje muitos já não têm respeito por isso. E parece ser certo, há muito quem não goste nada da Festa, a ache, pelo menos nos moldes em que é feita, desinteressante e ultrapassada. Haverá também um grande número de pessoas para quem esses dias serão mais três no calendário, que poderão aproveitar para passar uns momentos um pouco diferentes do habitual dia-a-dia. Estes aproveitam a Festa, não a fazem e não participam, verdadeiramente, nela, nem a nível religioso nem no que se refere à parte profana.

Só é pena que dessas contradições não se consiga avançar para nada de positivo, e uns fiquem eternamente agarrados à festa como supremo valor a conservar o mais possível tal qual era no passado, enquanto outros mais não fazem do que atacar ou ignorar uma manifestação que poderia ser um momento de interesse para a população, pela ocasião de grande confraternização e enriquecimento que poderia ser.

E no que diz respeito à festa profana, já que a definição das celebrações religiosas entendemos dever pertencer a quem de direito, porque não entregar a sua organização a uma comissão formada por representantes dos grupos e associações de carácter desportivo e cultural existentes em Espinho? Esta solução teria até a vantagem de evitar juntar numa mesma entidade a responsabilidade pelos festejos religiosos e profanos, que é coisa que não vemos como se possa aceitar. Assim seria possível, decerto, um programa muito mais vasto e aliciante, essencialmente levado a cabo pelos próprios espinhenses, enquadrados nas várias actividades desenvolvidas pe-

los tais grupos e associações. Desta maneira, as Festas da S.ª da Ajuda seriam, além da celebração religiosa da comunidade católica, a verdadeira festa da cidade de Espinho.

Até lá, até ao dia em que seja possível fazer as verdadeiras fes-

tas do povo, recuperando das tradições populares aquilo que elas tenham de mais significativo e adaptado ao nosso tempo, melhor aquilo que o nosso tempo deve ser, os festejos profanos permanecerão à margem do tempo e dos interesses profundos das pessoas.

PÁROCO DE ESPINHO:

Fazer fermentar um espírito novo

A propósito das festividades religiosas em honra de N.ª S.ª da Ajuda contactámos o pároco Manuel Henriques que amavelmente se dispôs a receber-nos e a connosco conversar sobre alguns dos aspectos de que se revestem as referidas festividades. O carácter informal do diálogo travado e a sua curta duração, por imperativos do nosso trabalho, não permitiram que a conversa se desenrolasse nas condições ideais para que o sr. Padre Manuel Henriques abordasse com toda a profundidade um tema tão sério. Entretanto, pela verdade do depoimento, aqui deixámos aquilo que de essencial captámos e que, estamos certos, muito interessará os nossos leitores:

É evidente que eu me coloco um sem número de questões quanto ao significado que assume a festa na sua componente religiosa. E não me refiro a problemas periféricos como o número de andores, o itinerário da procissão, etc., porque esses não são claramente problemas de fundo.

O que para mim é importante é interrogar-me se aquilo que há de religioso na festa será uma forma de exprimir a fé cristã. Aceitaria que sim, se visse nos dias seguintes à festa as pessoas interessadas em transformar a sociedade, em extirpar dela os males, os pecados que a corrompem.

Neste sentido, eu considero que o Evangelho pretende interpelar as pessoas muito directamente, e verifico que afinal a festa não as leva a sentirem-se interpeladas. Digamos que se a festa fosse cristã no sentido mais profundo, provavelmente seriam em maior número os cristãos que estariam nela de uma forma plenamente vivida e assumida. Mas o que se passa é que, de uma maneira geral, se limitam a assistir. E se as pessoas precisam de símbolos, não será, com certeza, de símbolos caquéticos. Isto considerando que a procissão, por exemplo, é um momento agradável, mas apenas isso, porque não compromete, não incomoda, não traz problemas.

Como ultrapassar isto? Pois eu entendo que o padre tem de ser um homem em situação, capaz de interpretar concretamente os sentimentos dos outros homens. A questão difícil está em utilizar a metodologia que permita a transformação. Tentar alertar as pessoas colectivamente, em multidão, não resulta, pois de imediato surgem fenómenos de rejeição e o diálogo torna-se impossível. Talvez que através de pequenos grupos, que consciencializem o problema, seja possível sensibilizar um número cada vez mais largo de cristãos. Não se trata, porém, de os conquistar, de os agredir nas suas convicções, mas sim de fazer fermentar entre eles um espírito novo.

Quanto à questão tão controversa de confusão entre festa profana e festa religiosa, é evidente que me parece que as entidades civis nada têm a ver com a organização das celebrações religiosas, assim como as entidades religiosas não deverão ocupar-se das festividades profanas.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

A Tesouraria da Fazenda Pública dá a conhecer que estará aberto o cofre durante o mês de Setembro, para o pagamento voluntário sem juros de mora da CONTRIBUIÇÃO PREDIAL de 1976.

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

« Não há ninguém
que nos ouça »



DESPORTO

continuação da página 3

— Sim, porque nós já mudámos de lugar muitas vezes, mas sempre por motivos que se percebiam e além disso nessas ocasiões mudava todo o sector de louças de que a gente acha que deve fazer parte. Mas desta vez embirraram connosco, oito ferrageiros quase todos já de idade, e querem mudar-nos só a nós. E para os nossos lugares irão outros vender louças, ou lá o que é.

Voltou a sr.^a Maria Regal :

— E ninguém entende porque é que tem de ser assim, porque explicações é coisa que eles não dão à gente, decerto por sermos da «baixa». Os outros colegas são todos por nós. Olhe que nós tentamos falar com o fiscal, o senhor presidente, o vereador e quase nada conseguimos. O senhor vereador quando nos viu pela frente e soube ao que fomos até disse, «Foi pena eu não saber para que fim vinham, senão nem vos tinha recebido». Por isso até dissemos ao senhor chefe da polícia que nos prendesse para a gente ter de ir responder, porque ao menos assim alguém nos tinha de ouvir, que o que a gente tem visto é que não há ninguém que nos ouça.

E no último desabafo :

— O prejuízo que nos dão é muito grande. Quem é que nos vai procurar, perdidas no meio dos panos ?

Três mulheres, três vezes, uma ideia: não aceitar uma decisão dos responsáveis camarários, que julgam injusta. Que têm estes a dizer ?

★

Contactado o vereador sr. Armando Nogueira da Silva, este reafirmou a decisão já tomada, considerando que não têm fundamento os protestos dos feirantes em causa. A mudança, disse-nos, insere-se num reordenamento da feira. O espaço será ocupado pelo sector das louças; considera-se que estas mulheres não pertencem a esse sector, e sim ao das ferragens; na sua mudança pretendeu-se, também, colocá-las em lugar mais periférico, junto a uma rua, pois vendem alguns objectos contundentes que poderão causar incómodos no meio da feira, onde se encontram. Finalmente, julga o sr. vereador que elas não serão prejudicadas, pois são as únicas pessoas na feira a vender tais artigos; quem quiser comprá-los, há-de procurá-los, estejam neste ou naquele sítio.

PIROLÃO F. C.

UM CLUBE POPULAR

O futebol tem uma força incontestável, levando centenas e centenas de indivíduos a praticá-lo, não só a nível profissional, como também a nível amador, principalmente o chamado «futebol de salão», como uma forma simultânea de diversão e de prática desportiva. Surge assim, em Espinho, um clube popular que se dedica ao futebol de salão e à pesca desportiva, o «Pirolão F. C.», bastante conhecido na zona piscatória, averbando já alguns títulos nas provas em que participou. A direcção, com cinco elementos, tem como seu presidente o dono da adega que dá o nome ao clube, vulgarmente conhecido por Jaime Pirolão, sendo com ele que trocámos breves impressões.

«Surgimos em 15-11-75, através duma brincadeira em Oleiros, onde jogámos futebol de salão. Desde aí demos vida à ideia e formámos este clube que tem à volta de 30 sócios, pagando 10\$00 por mês e cerca de 16 atletas que pagam 20\$00 por mês. São todos rapazes cá da Mata, alguns com compromissos profissionais, como o Gomes, o João Carlos e o Canelas, que só no fim da época futebolística é que podem alinhar por nós. O nosso treinador é Manuel Ama-

ral! Este ano vencemos o Torneio de Futebol de Salão do Sporting de Espinho, com o nome de «Adega Pirolão» concorrendo com outra equipa, «Pirolão F. C.», que não atingiu a final. Esta equipa só tinha um elemento estranho, Malagueta, o resto era tudo de cá, jogam por carolice, temos equipamentos, mas as deslocações são a seu cargo. Sim, porque não jogamos só cá em Espinho, vamos agora a Ovar e já fomos até a Lisboa fazer dois desafios com o «Clube Recreativo Taco a Taco» e uma equipa de Algés.

Tudo tem corrido bem, às vezes temos as nossas arrelias, alguns têm desistido, mas muitos mandamos nós embora, porque queremos é disciplina, até já ganhamos uma Taça Disciplina no Torneio do Sp. de Espinho. Praticamos desporto e divertimo-nos, é para isso que o clube existe. Acho até que se formos obrigados pela vida a desistir, haverá quem mantenha isto de pé.

Um clube popular, uma forma de, ao mesmo tempo que se pratica desporto, sem os interesses financeiros à mistura, matar os aborrecimentos do dia a dia, confraternizar, conviver.

ESPINHO, 1 VARZIM, 0

UM GOLO
E POUCO FUTEBOL

S. C. Espinho — Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João Carlos, Manuel José (Sabença, aos 81 minutos) e Acácio (Meireles, aos 72 minutos); Canavaro, Reis e Malagueta.

Varzim — Tibi; Cacheira, Guedes (Marques, aos 78 minutos), Albino e Lima Pereira; Festas, Júlio (Jarbas, aos 64 minutos) e Eliseu; Marco Aurélio, Horácio e João.

Arbitro — Miranda Dias (Coimbra)

Duas equipas com objectivos diferentes. O Espinho a querer ganhar e o Varzim a não querer perder. O resultado foi quase não se ver futebol. Menos por culpa dos espinhenses que bem o tentaram, do que pelo Varzim que quis fazer jus ao título da época passada do maior número de cartões. Só levou um amarelo (Albino), porque o árbitro andou a dormir. Sem personalidade, esteve aliás muito bem acompanhado pelo fiscal da bancada que foi muito regular: levantava a bandeira quando não havia offside e esquecia-se quando havia.

Por tudo isto, houve nervos dentro e fora, mas tudo acabou em bem (mal para o Varzim). Faltavam 2 minutos. Sabença foi atropelado e ganhou o livre, um pouco além do meio campo. Meireles (feliz regresso) queria marcar, mas o árbitro estava a estorvar (como sempre). Veio o Raúl, mas foi o Amaral (que jogou mal) que lançou a bola pelo ar para a grande-área. Aí REIS (que jogou pouco) rematou de cabeça ao ângulo e o Tibi (que defendeu pouco) não chegou lá. Festa e fim dum jogo, em que o Espinho não convenceu, mas... venceu.



VENCEDORES DO ÚLTIMO TORNEIO DO S. C. ESPINHO

Primeiro plano: Gomes, "Tó Rilha", Sampaio, Eduardo e Malagueta.
Segundo plano: António Pinhal (roupeiro), Mário Jorge (delegado), Feliciano, João Carlos, Canelas, Jaime e Henriques (massagista).
Da fotografia não consta Ferreira.

Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausanne e Edimburgo
Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações
Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

Stand SERZEDENSE

António Martins da Silva
Assistência Total
Agente: SACHS SIS — EFS
Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapágas
Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações
Assistência Técnica em todo o material
Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469
Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005
Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

MARTE VIVA

AS FESTAS DA VIDA

Tocam os sinos da torre da igreja,
Há rosmaninho e alecrim pelo chão.
Na nossa aldeia, que Deus a proteja,
Vai passar a procissão.

★

Já no tempo dos romanos se faziam festas, e que festas! Umam eram reservadas aos nobres, em seus palácios. Orgias em que se comia e bebia «suinamente». Até havia um compartimento especial para os senhores e senhoras vomitarem, quando estavam cheios, regressando depois aos «comes».

Mas havia outras festas, umas «festas populares» que os imperadores gostavam de oferecer ao povo: festas desportivas, lutas de gladiadores, cristãos devorados

por leões... «Panem et circenses» (pão e jogos), diziam eles. Com a barriga cheia de pão e umas diversões, lá iam eles mantendo o povo satisfeito e calmo, livre de maus pensamentos.

É um bocado como nos nossos dias, mas com uma diferença importante: pouco «panem» e, por isso, muitos «circenses»! No meio de um jogo ou de uma boa romaria, a gente até se esquece da fome que tem e da vontade de protestar. Divertir, distrair, divertir, distrair... Enganar...

★

Na idade média acabaram essas barbaridades de gladiadores e de cristãos aos leões. Até, porque, cá pela Europa, já todos se diziam cristãos. Para os nobres continuava a haver aquelas pandegazinhas nos castelos, banquetes, bailes, música.

Para o povo humilde, começaram a aparecer então muitas festas de carácter religioso. Inicialmente, festejava-se a Páscoa, o Natal. Havia música, cantava-se, viam-se representações de dramas bíblicos. Mais tarde começaram a festejar-se outras datas e muitos santos. Estes aqui, aqueles ali. Os padroeiros.

As festas populares cresceram e vieram para fora da Igreja. E fizeram-se procissões. E bandas de música. E um pequeno comércio, que foi crescendo. E barracas de matreco. E carroceis. E tendas de «comes e bebes», muitas tendas de «comes e bebes».

Hoje é assim.

★

As festas populares nasceram da Igreja, são festas a santos. Mas depressa foram perdendo esse carácter religioso profundo, deixando apenas um ou outro símbolo mais exterior (a missa cantada, a procissão, o sermão), e esses mesmos cada vez mais «profanizados»: na missa cantada interessa o arranjo da igreja, a imponência da música, a sua duração; no sermão interessa o sentimento, o entusiasmo, as lágrimas («falou muito bem! fez chorar as muniões todas!»); na procissão olha-se ao garbo dos bombeiros, à quantidade de andores, à abundância de «anjinhos», ao preço.

Já não é bem a festa dos cristãos. É a romaria do povo, a festa que lhe dão de vez em quando para o divertir e aliviar das tensões quotidianas. É a romaria a que as gentes da terra se

agarram freneticamente, numa expressão de baírrismo que deixa muito a desejar. Assim, começam as competições entre terras e festas. «Em tal sitio gastaram 30 contos em fogo? Pois nós vamos gastar 50! A procissão naquela festa é muito mais rica: leva 15 andores e só um custou 20 contos... A gente vai enfeitar 5 ruas e em tal terra só enfeitaram 2...».

Etc., etc., etc.

As gentes da terra torcem pela sua festa como pela sua equipa de futebol. Defendem-na, atacando as rivais, investindo de ano para ano somas mais importantes. Como quem compra novos jogadores. Fazem claques por esta ou aquela Comissão, por esta ou aquela Direcção. E não olham a dinheiro, se há um «prestígio» a manter ou um rival a humilhar. Como se o dinheiro não fosse preciso para tanta outra coisa...

★

E a festa? Que é feito dela?

As pessoas lá vão. E jogam, cantam, divertem-se, comem e bebem. Bebem.

Nós gostamos de festa. A alegria pertence ao homem, não é uma invenção. Mas a festa deve ter noção das realidades, deve ser quando há vontade e motivo, para ser mesmo festa. Se trabalhei, se me pagaram o justo, se comi e os meus também, se descansei numa boa casa, se ao meu lado não há quem sofra fome, nem injustiça, nem desespero, então vamos lá! E que a festa dure até às tantas!

De outra maneira, que força há para sonhar dois dias e acordar na manhã seguinte, com a casa fria e as contas por pagar, à espera do próximo sonho?

AS FESTAS POPULARES



DIAS DE FESTA!

A multidão crescia, minuto a minuto, nas franzinhas artérias da pequena cidade, deslizando até à beira-mar, povoando, superlotando, as ruas, as adegas, os cafés, o acanhado parque, o areal escasso. Era a romaria anual que provocava a invasão da cidade, de tamanhas proporções que havia quem, abraçado pelo desespero a comparasse às invasões dos hunos ou às invasões francesas, tomando de assalto, os carros eléctricos, os carroceis, as naves espaciais, os cinemas, tudo o que pudesse constituir alguma diversão.

O maestro de careca inundada pelo suor, fazia a batuta dançar no ar, o trompete soltava sons, o tambor rufava, o coreto abanava ao som da música, os transeuntes paravam embasbacados. O homem frágil, de chapéu empoleirado no alto da cabeça, gravata torta, casaco amarrotado, deliciava-se com os acordes musicais, alheio à senhora tremendamente opulenta que bufando empurrava-o contra àquela criança irrequieta que berrava e ameaçava verter águas, mesmo ali, sobre os seus bicudos sapatos. Outro mirone, de atléticas poses, piscava o olho, a sobancelha, o bigode à atraente criatura de faces pintalgadas, um verdadeiro arco-íris, rotundas formas, sorriso cinéfilo, que estremecia as pestanas e insinuava. Atrás, um velho encarquilhado apoiado no cabo dum guarda-chuva, cigarro morrendo no canto da boca, sonhava com as formas da miúda. A velha coberta por um enorme lenço cinzento, protestava contra as imorali-

dades, contra a pouca-vergonha reinante. O pai abria a camisa incomodado, os miúdos queriam uma corneta de plástico, a mãe oferecia-lhes, em troca, um tabefe, mais valia era ir beber um copo de que estar ali, enterrado naquela multidão, vindo a lustrosa careca do imponente maestro.

Na praia, os frangos, os bolos de bacalhau, os presuntos, os melões desapareciam, devorados, engolidos, os garrafões esvaziavam-se. Na pista dos carros eléctricos era outra viagem, outra corrida, eram os choques, eram os galãs chocando com as donzelas, era o Demis Roussos, berrando no altifalante. Também havia, claro, os cinemas, cheios como ovos, exibindo as habituais fitas de «Kung-fu» ou «Pernas e cu». Alguém rersonava, enquanto o herói despedaçava os vilões, os namorados suspiravam, o cavalheiro engravata do aborrecido com a fita, ansiava pelo fim, enervado com o fulano de gigantescas dimensões, opaco, obrigando-o a diversas ginásticas para vislumbrar uma perna da actriz, deixando-o ver, apenas o dedo mínimo.

A romaria prosseguia fulgurante, ornamentada, com a habitual procissão, o fogo de artifício, as fanfarras, os foguetes. Era a anual invasão da cidade que ficava apinhada até às costuras, suando em bica, fervilhando naqueles dias. Dias que apesar das contrariedades, dos discursos fotogénicos, dos abusos, dos «pacotes», tinham que ser de festa, nem que fosse uma festa construída na ponta dum sorriso amarelo.



PORTE PAGO

Ilídio Martins da Silva
R: 33 -Bº Moderno-Espinho